



COMO ADQUIRIMOS CONHECIMENTO? UMA ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA EM JEAN PIAGET E IMMANUEL KANT

GLEIDE SELMA MOREIRA DE ALCÂNTARA

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

COMO ADQUIRIMOS CONHECIMENTO? UMA ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA EM JEAN PIAGET E IMMANUEL KANT

GLEIDE SELMA MOREIRA DE ALCÂNTARA

Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais

RESUMO

A presente análise visa estabelecer uma conexão entre a “*Epistemologia genética*” de Jean Piaget e a “*Antropologia de um ponto de vista pragmático*” do filósofo alemão Immanuel Kant. Nesta perspectiva abordaremos num primeiro momento a aprendizagem como sendo um processo vinculado que ocorre no âmbito das relações interpessoais no qual estão inclusos fatores sociais e culturais. Em seguida submeteremos à análise o pensamento kantiano desenvolvido em sua Antropologia. Por fim examinaremos a teoria epistemológica de Jean Piaget cujo interesse principal é a investigação teórica e experimental do desenvolvimento qualitativo de estruturas intelectuais. Após a realização dos procedimentos analíticos acima definidos esperamos restar evidenciado os pontos convergentes entre as teorias antropológica e epistemológica de Kant e Piaget respectivamente.

ABSTRACT

This analysis aims to establish a connection between the "Genetic epistemology" of Jean Piaget and "Anthropology from a pragmatic point of view" of the German philosopher Immanuel Kant. In this perspective we will approach at first learning to be a linked process that occurs within interpersonal relationships which are included in the social and cultural factors. Then we will submit the analysis Kant's thought developed in his Anthropology. Finally we examine the epistemological theory of Jean Piaget whose primary interest is the theoretical and experimental investigation of the qualitative development of intellectual structures. After performing the analytical procedures defined above hope remains highlighted the convergence between the anthropological and epistemological theories of Kant and Piaget respectively.

Introdução

A presente análise visa estabelecer uma conexão entre a “*Epistemologia genética*” de Jean Piaget e a “*Antropologia de um ponto de vista pragmático*” do filósofo alemão Immanuel Kant.

Nesta perspectiva abordaremos num primeiro momento a aprendizagem como sendo um processo vinculado[1] que ocorre no âmbito das relações interpessoais no qual estão inclusos fatores sociais e culturais. Assim, o sujeito adquire conhecimento por via da elaboração e processamento de informações refletindo a respeito delas e associando-as com experiências anteriores, incorporando-as à estrutura psíquica.

Em seguida submeteremos a análise o pensamento kantiano. Para Kant o homem diferencia-se dos demais animais por possuir, dentre as suas faculdades, a faculdade do entendimento. Segundo o filósofo a faculdade do entendimento

relaciona-se com a inteligência concreta comum a todos os animais que agem movidos pelos instintos e pelos reflexos. No homem, porém, desenvolver-se-á a faculdade de abstração [2] levando-o a projetar as ações no futuro.

Dessa forma, as faculdades vão amadurecendo concomitantemente à maturação biológica e por isso nos primeiros meses de vida a percepção humana dos objetos é rudimentar e a faculdade da intuição empírica prevalece. Com a maturação biológica a percepção se desenvolve e o homem passa a perceber os objetos pelo modo como eles nos afetam.

Dentro da proposta desta investigação examinaremos a teoria epistemológica de Jean Piaget cujo interesse principal é a investigação teórica e experimental do desenvolvimento qualitativo de estruturas intelectuais. Em suas pesquisas o epistemólogo demonstrou que no ser humano, após os primeiros dias de vida, os reflexos são moldados pela experiência ambiental[3] e dão lugar a um novo tipo de mecanismo – a estrutura psicológica – chegando à conclusão de que a distinção entre o ser humano e os outros animais encontra-se na capacidade que o homem possui de ter um pensamento simbólico e abstrato, ou seja, o homem gera conhecimento e significado de uma interação entre as suas experiências e ideias.

Após a realização dos procedimentos analíticos acima definidos esperamos restar evidenciado os pontos convergentes entre as teorias antropológica e epistemológica de Kant e Piaget respectivamente.

1. A aprendizagem

A aprendizagem vem sendo analisada e compilada desde a antiguidade. No Oriente o objetivo era manter a tradição e os costumes através da oralidade. Para Ramiro Marques[1] “De acordo com a tradição das civilizações do Médio Oriente Antigo, a família constitui o primeiro núcleo onde a aprendizagem se realiza (...)” não sendo possível “... adquirir a sabedoria no isolamento de uma biblioteca ou na solidão do contato com os livros. A sabedoria transmitia-se oralmente e adquiria-se pelo exercício da memória, num contato continuado com os contadores de histórias, numa partilha cúmplice com as narrativas da família, da tribo e do povo. O aluno não era ainda visto como um agente autônomo, nem a infância era percebida como uma etapa distinta da vida.” Assim, “A aprendizagem realizava-se pelo contato com os mais velhos, pela imitação daquilo que os adultos faziam e, sobretudo, pela audição atenta da palavra dos mestres e quando necessário, fazendo-se apelo à correção, à repreensão e aos castigos.”

Já na antiguidade clássica, conforme Cambi[2], a aprendizagem tem por meta a aquisição de uma gama variada de qualidades do espírito sejam elas de mote artístico e estético (Grécia) ou de ordem prática (Roma). Mas, não existiu um processo coeso de educação ou como diríamos hoje um projeto pedagógico direcionado. A aprendizagem destinava-se a formação individual (desenvolvimento da força física, das virtudes e da beleza) ou em um contexto mais amplo tinha como meta a aprendizagem universal (o homem como cidadão).

No Medievo o cristianismo vai gerar a ideia de que o indivíduo possui uma essência própria, da qual se originam formas específicas de entendimento, raciocínio e sensibilidade, fundamentando a aprendizagem num sistema moral. A Igreja se apropria de todas as formas de saber e vai determinar os processos através dos quais se obtém conhecimento. No período da escolástica vão ser criados, ainda que de forma resumida, os primeiros princípios essenciais à composição do atual sistema de aprendizagem. Com o advento da Renascença, porém, há a decomposição do sistema cristão e a instituição de uma visão que focava os valores

humanísticos. Ao final do século XVIII o conhecimento se expande, novas teorias são formuladas e o processo pelo qual se dá a aprendizagem é amplamente analisado e discutido nos meios filosóficos e científicos. No decorrer do tempo muitos teóricos (psicólogos, pedagogos, filósofos...) irão se debruçar sobre as questões: Como se dá o conhecimento? (Kant) ou Como é possível alcançar o conhecimento? (Piaget).

Atualmente podemos definir aprendizagem como sendo o método através do qual os indivíduos adquirem novos conhecimentos, desenvolvem a faculdade de apreciar e resolver qualquer assunto e substituem o modo de reação em face de um estímulo presente. Neste enfoque a aprendizagem é uma sucessão sistemática de mudanças granjeadas através do conhecimento das coisas pela prática ou observação. Este conhecimento é edificado por determinantes emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

Segundo Amélia Hanze[1], a aprendizagem tem por objetivo o “(...) domínio cognitivo (ligados a conhecimentos, informações ou capacidades intelectuais); domínio afetivo, (relacionados a sentimentos, emoções, gostos ou atitudes); domínio psicomotor (que ressaltam o uso e a coordenação dos músculos).” Dentro desses domínios desenvolvem-se as habilidades de memorização, compreensão, aplicação, análise, síntese, avaliação, receptividade, resposta, valorização, organização, caracterização e as habilidades relacionadas a movimentos básicos fundamentais, movimentos reflexos, habilidades perceptivas e físicas e a comunicação não discursiva.

Para Kant o homem nasce potencialmente inclinado a aprender. *De acordo com Piaget a aprendizagem é o resultado da*

interação entre estruturas mentais, desenvolvimento biológico e meio ambiente. Estes dois autores serão analisados nos próximos itens.

1. Kant e a Antropologia de um ponto de vista pragmático

Buscando superar a contradição racionalismo-empirismo[2], Kant explica que o conhecimento é constituído de *matéria* e *forma*. As coisas são a matéria de nossos conhecimentos enquanto que a forma somos nós mesmos. Para conhecermos as coisas, precisamos ter delas uma experiência sensível, mas essa experiência não será dada se não for organizada por formas da nossa sensibilidade, as quais são *a priori*, ou seja, anteriores a qualquer experiência (e condição da própria experiência...). Logo, para adquirirmos conhecimento sobre os objetos, temos de organizá-los a partir da forma *a priori* do tempo e do espaço[1]. Assim, a Estética transcendental[2] afirma que o conhecimento – considerado do ponto de vista lógico, e não psicológico – se deve à ação conjunta de duas fontes de conhecimento: a sensibilidade e o entendimento. A sensibilidade se refere a faculdade cognitiva inferior, enquanto que o entendimento se refere a faculdade cognitiva superior. A intuição por sua vez provém da sensibilidade sendo uma fonte independente do entendimento, porém, essencial para todo o conhecimento. Ainda na Crítica da Razão Pura, Kant investiga outra faculdade cognitiva, a faculdade do juízo[3].

Nas três faculdades, imprescindíveis para o conhecimento humano, ele encontra um elemento que não se relaciona com a experiência: na sensibilidade, as formas puras da intuição, o espaço e o tempo; no entendimento, os conceitos puros do entendimento, as categorias; no Juízo, os esquemas transcendentais e os princípios do entendimento puro. As condições da possibilidade de aplicar conceitos puros do entendimento a fenômenos são determinações temporais transcendentais; são tanto conceituais como sensíveis: são os *esquemas transcendentais*, um produto transcendental da faculdade imaginativa. Com a distinção de duas fontes de conhecimento independentes, Kant nega a ideia de Leibniz de uma diferença meramente gradual entre sensibilidade e entendimento.

Sinteticamente temos:

<i>Sensibilidade</i>	<i>Entendimento</i>
O objeto é <i>dado</i> por meio de uma <i>afecção</i> do ânimo.	O objeto, uma multiplicidade indeterminada da intuição, é <i>pensado</i> , ou seja, <i>determinado</i> .
A capacidade do ânimo de ser afetado se chama <i>sensibilidade</i> (receptividade). O efeito exercido pelo objeto, a matéria da sensibilidade, se chama <i>sensação</i> .	A capacidade de determinar o objeto, ou seja, de produzir representações por si mesmo (espontaneamente), se chama <i>entendimento</i> , a faculdade dos conceitos (regras).
A relação com o objeto mediante a sensação chama-se <i>empírica</i> (<i>a posteriori</i>).	A relação com o objeto mediante as categorias do entendimento se chama <i>pura</i> (<i>a priori</i>).
O objeto indeterminado (conceitualmente) de uma intuição empírica é o <i>fenômeno</i> .	O objeto [<i>Gegenstand</i>] como fenômeno determinado pelo entendimento se chama <i>objeto</i> [<i>Objekt</i>].
As formas puras da intuição são o <i>espaço</i> e o <i>tempo</i> .	Os conceitos puros do entendimento são as <i>categorias</i> .

Fonte: Otfried, 2005, p.69.

Diante do exposto podemos dizer então que os juízos de percepção se transformam em juízos de experiência através da utilização das categorias. Nessa linha de raciocínio, concluímos que são as formas puras do pensar que possibilitam aquele conhecimento objetivo que Platão e Aristóteles designaram, à diferença da *doxa*, como *episteme* e que se chama em Kant experiência em sentido estrito. Portanto, conhecer consiste na conexão de uma multiplicidade de representações (intuições ou conceitos) em uma unidade, sendo que o primeiro momento do saber é a *intuição*. Ela apresenta os fenômenos dispersos no espaço e no tempo. Se se repara só na intuição e abstrai de tudo o mais, os fenômenos estão espalhados espacial e temporalmente; eles possuem uma magnitude extensiva.

Fundamentado em sua teoria crítica Kant dirá que a diferença entre os animais e os homens reside na ausência ou presença da razão, ou seja, na ausência ou presença da faculdade do entendimento, a saber, o pensar. Os animais pela ausência da razão desenvolvem em suas vidas os instintos naturais; já os homens, pela possibilidade de uso da razão,

têm por objetivo construir seu próprio projeto formativo. Porém, nos primeiros meses de vida o homem pensa sobre si mesmo na terceira pessoa utilizando-se do EU somente com pouco mais de um ano de idade quando se descortina assim uma gama maior de experiências que efetivamente produzirão conhecimento.

Esta faculdade do pensar kantiana que nos primeiros meses ainda é “imatura” relaciona-se com a inteligência concreta comum a todos os animais que agem movidos pelos instintos e pelos reflexos. No indivíduo, porém, haverá o desenvolvimento da faculdade de abstração o que o levará a projetar suas ações no futuro.

No entanto, para o filósofo alemão a faculdade de abstração tem papel preponderante e superior ao papel da faculdade da atenção. Segundo ele, a faculdade da atenção em consonância com a faculdade da memória nos leva a efetuar ações mecânicas implicando seu uso conjunto na habituação paralisando a busca por novos conhecimentos.

No processo de aprendizagem kantiano as faculdades vão se desenvolvendo concomitantemente à maturação biológica e por isso nos primeiros meses de vida nossa percepção dos objetos é rudimentar e a faculdade da intuição empírica prevalece. Com a maturação biológica a percepção desenvolve-se e passamos a perceber os objetos pelo modo como eles nos afetam – são as sensações.

As sensações nos chegam através dos sentidos internos e externos, ambos relacionados com o sistema nervoso. Os sentidos internos são aqueles em que o corpo humano é afetado pela mente enquanto que os sentidos externos são aqueles em que o corpo humano é afetado pelas coisas corporais (tato, visão, audição, paladar e olfato). Os sentidos da sensação corporal podem ainda ser divididos em sentidos da sensação vital e sentidos da sensação de órgão. Ao sentido vital pertencem as sensações de calor, frio, calafrio, terror...

Dessa forma, Kant desenvolve na “*Antropologia de um ponto de vista pragmático*” todo um encadeamento das faculdades[1] pertencentes ao indivíduo e utilizadas por este para conhecer o objeto, a si mesmo e ao mundo que o rodeia. Porém, apesar do processo gestacional ser longo o homem não nasce pronto necessitando do outro para aprender a falar, andar, comer; e, neste processo o homem deve apreender os objetos e o meio no qual está inserido relacionando-se com ele de modo interativo e criativo transformando-se e transformando-o.

1. Jean Piaget e a Epistemologia Genética

Estudar o desenvolvimento humano significa descobrir que ele é determinado pela interação de vários fatores. Dessa forma, a carga genética estabelece o potencial do indivíduo, que pode ou não se desenvolver, i.e., a inteligência pode desenvolver-se aquém ou além de seu potencial, dependendo das condições do meio que encontra; o crescimento orgânico refere-se ao aspecto físico; a maturação neurofisiológica torna possível determinado padrão de comportamento e o meio com suas influências e estimulações altera os padrões de comportamento do indivíduo. O que podemos observar é que o desenvolvimento mental é uma construção contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais. Estas são formas de organização da atividade mental que se vão aperfeiçoando e solidificando até o momento em que todas se encontram em equilíbrio quanto aos aspectos da inteligência, vida afetiva e relações sociais.

Neste contexto, o desenvolvimento do conhecimento é um processo espontâneo, ligado ao processo global da embriogênese. A embriogênese diz respeito ao desenvolvimento do corpo, mas também ao desenvolvimento do sistema nervoso e ao desenvolvimento das funções mentais. No caso do desenvolvimento do conhecimento nas crianças, a embriogênese só termina na vida adulta. É um processo de desenvolvimento total que devemos re-situar no contexto geral biológico e psicológico. Em outras palavras, o desenvolvimento é um processo que se relaciona com a totalidade de estruturas do conhecimento.

Para Piaget, existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, próprias de cada faixa etária, i.e., existe uma assimilação progressiva do meio ambiente, que implica uma acomodação das estruturas mentais a este novo dado do mundo exterior. Assim, a epistemologia genética em sentido amplo é o estudo de como se passa de um conhecimento para outro conhecimento superior. No sentido piagetiano é “o estudo da maneira pela qual o sujeito constrói e organiza seu conhecimento, durante seu desenvolvimento histórico (ontogenético e sociogenético),” [1]. Dessa forma o foco da teoria piagetiana é a descrição da evolução do ser humano, de uma forma analítica e descritiva.

Segundo Kami[2], “... para esse autor, o estudo das formas de construção da estrutura do conhecimento permite o entendimento do processo que está sendo construído”. As estruturas possuem elementos e conexões não podendo ser isolados; como as estruturas são dinâmicas o sistema teórico piagetiano tem caráter sistêmico aberto para a construção do conhecimento no qual se devem abordar as possibilidades, impossibilidades e necessidades surgindo daí o principal processo de desenvolvimento: a equilibração.

O processo de equilibração fixa o método através do qual se fará a mudança de uma fase para a subsequente dentro do desenvolvimento. Ou, ainda, refere-se ao processo regulador interno de diferenciação e coordenação que tende sempre para uma melhor adaptação[1]. Desse modo a equilibração constitui uma série de fenômenos que apresentam certa

unidade e que encerra dois elementos parciais, complementares e indissociáveis: assimilação e acomodação.

A assimilação se dá através da incorporação da realidade aos esquemas de ação do indivíduo; é o processo em que o indivíduo transforma o meio para satisfação de suas necessidades. O conhecido (conhecimento anterior) representa a assimilação. Só há aprendizagem quando os esquemas de assimilação sofrem acomodação, ou seja, quando há reestruturação dos esquemas de assimilação. O novo conhecimento representa a acomodação.

Portanto, com a estruturação de sua teoria Piaget faz uma análise crítica a respeito do que é conhecimento e como ele se processa no indivíduo chegando à conclusão que ele se realiza de igual maneira para a criança e para o mais renomado cientista. Para ele o “conhecer” envolve organizar, estruturar e explicar o mundo em que habitamos e o meio ambiente no qual estamos inseridos através do empírico. Conforme Piaget, o conhecimento é construído durante as interações da criança com o mundo. O desenvolvimento psicológico é um processo histórico caracterizado por construções e reconstruções. As constantes ultrapassagens dos limites das aquisições, por causa das sucessivas conquistas, dão a esse desenvolvimento um caráter sequencial e integrativo.

Conclusão

Para a filosofia a questão sobre a forma pela qual o sujeito adquire conhecimento é de suma importância. Nesse sentido Piaget irá retomá-la através da discussão a respeito do apriorismo kantiano.

Tendo por base o problema epistemológico Kant coloca o sujeito no centro da especulação gnosiológica e ética. Para Piaget[1] “Kant inventou uma nova maneira de por os problemas epistemológicos e dotou o sujeito que conhece (o *ipse intellectus* de Leibniz) com uma espessura e dimensões até então desconhecidas.”. Conforme Höffe[2] “Ele supera não apenas o racionalismo, o empirismo e o ceticismo; funda, sobretudo, uma nova posição do sujeito em relação à objetividade. O conhecimento não deve mais regular-se pelo objeto, mas sim o objeto pelo nosso conhecimento.”.

Em Kant todo o conhecimento origina-se da relação do sujeito com o mundo no qual está inserido sendo possível apenas mediante o uso da razão. Para tal uso há a necessidade da cooperação entre as estruturas existentes no sujeito *a priori*. Assim, ele estabelece que o conhecimento não acontece pura e simplesmente pela via sensorial. Piaget, porém, irá dizer que não há conhecimento que provenha de sensação ou de percepção, separadas; o conhecimento, para ele, provém da ação inteira da qual a percepção constitui somente a função de sinalização.

Logo, segundo Fragozo[3], podemos por fim dizer “que, para Piaget, conhecer implica transformar. O próprio objeto é resultado de um problema de conhecimento; não é um dado que existe, mas sim um dado que se constrói. Tal como em Kant, existia um plano *a priori* que condiciona a própria sensibilidade de conhecer o objeto, também em Piaget existe um plano que antecede logicamente a operação do objeto – o plano motor”.

[1] Processo vinculado é a conexão entre estímulo e reação ou, mais genericamente, entre dois processos psicológicos de qualquer natureza.

[1] A faculdade de abstração produz o conceito.

[1] A experiência ambiental é o contato do organismo com a realidade ou a interação do sujeito com o objeto.

[1] MARQUES, Ramiro. “*História concisa da pedagogia*”. In: Capítulo 1. Antiguidade Oriental os Provérbios e o Livro da Sabedoria. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

[1] CAMBI, Franco. “*História da pedagogia*”; tradução de Álvaro Lorencini – São Paulo: Editora UNESP, 1999. P. 24.

[1] www.educador.brasilecola.com/.../o-que-e-aprendizagem.htm

[1] Empiristas: tudo que conhecemos vem dos sentidos; racionalistas: tudo quanto pensamos vem de nós.

[1] Em Kant o tempo e o espaço não existem como realidade externa, mas são formas que o sujeito põe nas coisas; formas puras da intuição.

[1] Estética transcendental: ciência dos princípios da sensibilidade ou da intuição *a priori*.

[1] “O juízo é a faculdade de subsumir sob regras, ou seja, de discernir se algo cai ou não sob uma regra dada.” HÖFFE, 2005, p.70.

[1] Faculdade do conhecer, do pensar, da atenção, da memória, da abstração, da percepção, da sensação, do

entendimento, etc.

[1] Piaget, 1965, p.31.

[1] Kami, 1995, p.37, 38.

[1] Kami, 1991, p. 30.

[1] “*Lógica et connaissance seientifique*”, Paris – Encyclopédie de la Pleiade, 1967, p.23.

[1] HÖFFE, Otfried, 2005, p.44.

[1] Psicoforum. br.tripod.com/index/artigos/Piaget.htm

Bacharelado em Direito pela Universidade Tiradentes/UNIT/SE, licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe/UFS, mestranda pelo PPGED/UFS, professora do ensino básico da rede estadual do Estado de Sergipe.

Recebido em: 19/07/2015

Aprovado em: 20/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: